

Concluindo, pode-se afirmar que o testemunho, como componente indispensável da evangelização, pressupõe uma tomada de consciência da missão, dos valores e da responsabilidade da própria Igreja. Pressu-

põe, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência da realidade social para nela inferir e transformar. Ao realizar seu testemunho ela desperta também a consciência do homem possibilitando que ele se torne o agente de sua própria libertação.

## DEUS DA VIDA E OS DESAFIOS ECONÔMICOS\*

*Jung Mo Sung*

Neste final do século XX, quando a humanidade se prepara para a entrada no novo milênio e, particularmente, no século XXI, século de tantas ficções científicas, a Igreja da América Latina se põe a meditar sobre os 500 anos de Evangelização e a discutir o futuro da sua missão.

Muitos temas estão em pauta, mas um parece tomar especial predileção dos pobres e dos trabalhadores em geral: o futuro da nossa economia, o sustento do dia-a-dia, a contribuição e o empenho da Igreja neste "lado" fundamental da existência humana. A pergunta quase sempre é a mesma: Em que a Igreja pode contribuir para que as relações e condições econômicas da sociedade possam melhorar? Será que a Igreja tem algo a ver com isto?

Para algumas pessoas e movimentos da Igreja, este tema pode parecer demasiadamente "material", mas todos nós somos obrigados a admitir que sem esta "materialidade" não há povo e nem a Igreja. E se esta "materialidade" da economia é tão vital para os homens, o Deus da Vida deve ter algo a dizer e propor a respeito disso.

Por isso vamos estudar neste pequeno trabalho algumas questões ligadas à relação entre a missão da Igreja de anunciar a boa-nova do Deus da Vida e os desafios econômicos atuais. Como não é possível tratar de todos os desafios, vamos nos restringir a dois principais na atual economia: a nova revolução industrial e a crise da dívida externa dos países da América Latina.

---

\* Este assunto encontra-se mais aprofundado no livro do mesmo autor DEUS NUMA ECONOMIA SEM CORAÇÃO: Pobreza e Neoliberalismo — um desafio à Evangelização, Ed. Paulinas, 1992.

## I- TRISTEZAS E ESPERANÇAS DOS POBRES E A MISSÃO DA IGREJA

Há mais de 20 anos, os bispos reunidos na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, foram protagonistas de um acontecimento que "não é — segundo E. Dussel — apenas o acontecimento mais importante da Igreja Latino-Americana do século XX, (mas) ela alcançará importância mundial ainda maior no futuro".<sup>1</sup>

A introdução aos documentos de conclusão iniciava assim:

"A Igreja Latino-Americana, reunida na II Conferência Geral de seu episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Assim sendo, não se acha "desviada", mas "voltou-se para o homem, consciente de que" para conhecer Deus é necessário conhecer o homem". Pois Cristo é aquele em quem se manifesta o mistério do homem; procurou a Igreja compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra, que é Cristo. Procurou ser iluminado por esta Palavra para tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbe prestar neste momento."<sup>2</sup>

Compreender o momento histórico para compreender "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias"<sup>3</sup> do homem latino-americano

no à luz da Palavra para, assim, poder servi-lo, são os grandes desafios assumidos pela Igreja. Como nos ensina o Papa João Paulo II, "em Jesus Cristo, todos os caminhos em direção ao homem, tais como foram confiados de uma vez para sempre à Igreja, no contexto variável dos tempos, são ao mesmo tempo um caminhar ao encontro do Pai e do seu amor"<sup>4</sup>. A Igreja de Jesus Cristo deve superar a tentação do falso dilema: o antropocentrismo ou teocentrismo, colocado pelas várias correntes do pensamento humano, do passado e do presente muitas vezes dentro da própria Igreja, pois "a Igreja, seguindo a Cristo, procura, ao contrário, uní-los conjuntamente na história do homem, de maneira orgânica e profunda".<sup>5</sup>

Para desempenhar esta missão-serviço a que é chamada, a Igreja deve "perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho"<sup>6</sup>. Para tanto, deve conhecer as tristezas e as angústias do homem latino-americano para poder anunciar e compartilhar as suas esperanças e alegrias. Aqui já começa um primeiro problema: esperanças e angústias de que grupos de homens a Igreja deve estar a serviço? As angústias de um especulador financeiro que sofre com as oscilações da bolsa e do dólar e espera aumentar a sua fortuna em alguns milhões de dólares em pouco tempo? As angústias de latifundiários que têm medo da refor-

ma agrária e sonham em "grilar" mais terras? As angústias da classe média que sonha conseguir o seu 2º ou 3º carro e a sua casa de praia num condomínio fechado? Será que são angústias deste tipo que a Igreja está chamada a partilhar? É claro que não.

O estado de miséria e o subdesenvolvimento em que vivem milhões de pessoas são, como nos diz o Papa, "com outros nomes, as 'tristezas e angústias' de hoje, 'sobretudo dos pobres'; diante deste vasto panorama de dor e sofrimento, o Concílio quis abrir horizonte de alegria e esperança".<sup>7</sup> Por isso, a solidariedade com os trabalhadores empobrecidos e com os trabalhadores feitos desempregados é a causa da Igreja, "porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a 'Igreja dos pobres'".<sup>8</sup>

Estas tristezas e angústias dos pobres: a miséria, a fome, o desemprego ou subemprego, o baixo salário, a falta de moradia, as péssimas condições de saúde e saneamento básico, a alta taxa de mortalidade infantil, e sobretudo a falta de perspectivas... formam o "clamor" que sobe aos céus e pede a intervenção de Deus na história (Cf. Ex 22,21-22).

A experiência do Deus de Israel, guardada na Bíblia como a "memória histórica dos pobres"<sup>9</sup>, nos mos-

tra que Deus intervém na história, por isso se revela aos homens, como uma resposta ao clamor dos pobres (Gn 4,10; Ex 2,23-25; Dt 26,7-8...). O tema do "clamor" perpassa toda a Bíblia<sup>10</sup> e, segundo alguns exegetas, tem um sentido técnico: é a queixa pela injustiça infligida. Como diz P. Miranda: "Caim resulta ser o primeiro homem concreto, e com Gn 4, 1-11, começa a história humana. A "voz do sangue de seu irmão clama a mim desde a terra" (Gn 4,10) é a essencial apresentação de Deus que intervém nela. Antes que houvesse alianças, patriarcas, promessas e mandamentos".<sup>11</sup>

Este clamor dos pobres, que a classe dominante e o próprio sistema não ouvem, revela a presença de uma ausência: a verdade originária do Deus Criador-libertador: que é a vida humana em plenitude. Neste clamor, Deus se revela aos homens interpelando-os a assumirem a causa do pobre que é a própria causa de Deus. "A vida do pobre é a glória de Deus", como já nos ensinava D. Romero. Ao mesmo tempo, desmascara a idolatria em que está submersa esta sociedade. O ídolo tem ouvidos, mas não ouve o clamor (Cf Sl 115,6; 1Rs 18,27). A idolatria legítima e sacraliza a opressão institucionalizada e proporciona "boa consciência" (Cf Sl 73,12) aos seus seguidores para que possam continuar vivendo e

1. E. Dussel, De Medellín a Puebla, Vol 1, S. Paulo, Loyola, p. 63

2. Conclusões de Medellín, Introdução, § 1 e 2.

3. Gaudium et Spes, nº 1.

4. Dives in misericórdia, nº1. O grifo é nosso.

5. Idem.

6. Gaudium et Spes, nº 4.

7. Sollicitudo Rei Socialis, nº 06.

8. Laborens Exercens, nº 8.

9. P. Richard, "Bíblia: memória histórica dos pobres", em: Estudos Bíblicos, nº 1, Petrópolis, 1987, pp. 20-30.

10. J. Comblin, O clamor dos oprimidos. O clamor de Jesus, Petrópolis, Vozes, 1984; A Força da Palavra, Vozes, 1986, Cap. 2; V. Codina, Teologia del clamor popular, Bolívia, ed. Lillial, 1985.

11. P. Miranda, Marx y Biblia, Salamanca, ed Sígueme, 1975, p. 115.

oprimindo tranqüilamente sem ouvir este clamor.

A Bíblia é o livro que contém estas duas facetas da revelação de Deus na história: o clamor dos pobres que expressam as "suas tristezas e angústias" e o anúncio da boa-nova que leva "esperanças e alegrias". Segundo M. Schwantes, "de ponta a ponta a Bíblia cultiva a esperança"<sup>12</sup>. E o conteúdo desta esperança pode ser resumido em três. O primeiro conteúdo é a TERRA (Gn 12,1; 13,14-17; Ex 3,8; Js 1-12, Mt 5,5, etc.). É importante ressaltar aqui que a esperança específica da Bíblia neste sentido não é a de acumulação da terra, como seria a esperança de um latifundiário, mas a terra para "cultivar e guardar" (Gn 2,5-15), isto é, para o trabalho.

Outro conteúdo da esperança é o PÃO. No Antigo Testamento, a história do maná (Ex 16) formula todo um projeto em torno do pão. Ele jamais faltará, caso não for acumulado. A fome é exatamente o reverso do acúmulo do pão.<sup>13</sup> E no Novo Testamento, a afirmação de Jesus: "o sábado foi estabelecido por causa da pessoa humana, e não a pessoa por causa do sábado" (Mc 2,27) significa, no concreto, que o direito ao pão é a fonte de todo o direito e de toda a justiça. Onde este é negado, Deus é negado!<sup>14</sup>. Por isso, as primeiras comunidades Cristãs testemunhavam a sua fé na ressurreição de Jesus vivendo uma comunidade onde "não havia entre eles necessitado algum"

(At 4,34). A esperança do pão é a esperança do pão partilhado, a esperança da experiência eucarística "invadindo" a vida cotidiana e a organização da sociedade.

Por fim, a terceira esperança, coroamento das duas anteriores, é a da vida vencendo as forças de opressão. É a esperança da superação da opressão da mulher (Gn 16, 1-8), da supressão da escravidão (Ex 1-15), da superação da alienação e exploração no trabalho (Is 65,21-22) e da superação da própria morte na ressurreição de Jesus de Nazaré (1Cor 15,14). Esta esperança da ressurreição é a defesa mais radical da vida humana. É a esperança da ressurreição dos crucificados da história, a ressurreição do negado, do pobre, que de "tão desfigurado estava o seu aspecto e a sua forma não parecia a de um homem" (Is 52,14), e por isso a "sociedade de homens de bem" não ouviu o seu clamor e nem o levou em conta. É a esperança da vitória da vida sobre a morte daquele que é desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto, desprezado. Não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava". (Is 53, 3-4)

A esperança de terra para trabalhar, e, acrescentamos hoje, as outras formas de meios de produção da vida, como fábricas e empregos

em outros setores; a esperança de todos partilharem o pão, e assim não haver necessitados entre nós; e a esperança de superação de todas as forças de opressão e morte para que a vida resplandeça entre os homens e dê o sinal da sua vitória plena na ressurreição, estas sim são as esperanças que devemos levar aos homens sofridos da América Latina neste "momento decisivo de seu processo histórico"<sup>15</sup>. Para, assim, semear a alegria de viver.

Para cumprirmos esta nossa missão de levarmos a boa-nova do Deus da Vida e partilharmos das tristezas e esperanças do homem latino-americano, precisamos conhecer as causas e as perspectivas das tristezas e angústias. Se Medellín falava do momento decisivo do processo histórico, hoje estas palavras não perderam a atualidade, mas, muito pelo contrário, expressam a mais pura realidade. Neste momento histórico no qual acontece a Conferência Episcopal de Santo Domingo, a América Latina vive os últimos anos do século XX numa profunda crise econômica e social e se "prepara" para uma nova ordem econômica internacional que está sendo gestada com a nova revolução industrial que está em processo e com a crise da dívida externa. Compreender, perscrutar os sinais dos tempos, e, portanto, "conhecer e entender o mundo no qual vivemos"<sup>16</sup>.

Os desafios colocados pelo futuro, as angústias geradas pela atual

crise... e discerní-los à luz da Palavra de Deus são a pré-condição para podermos anunciar a verdadeira boa-nova de Deus, para que as nossas palavras não se tornem "um discurso vazio" e que os pobres não nos acusem: "sois todos uns consoladores inoportunos" (Jó, 16,2).

## II — OS DESAFIOS ECONÔMICOS

Para anunciarmos o Deus da Vida para os homens, e os pobres em particular, precisamos compreender, entre tantas coisas, dois pontos importantes na atual economia internacional e que têm repercussões no dia a dia dos trabalhadores da América Latina. Apesar de não serem "visíveis" na vida cotidiana, estão presentes influenciando na vida ou na morte dos trabalhadores. O primeiro é a nova revolução industrial e, o segundo, é a crise da dívida externa.

### 1- A NOVA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Os anos 80 viram a consolidação de uma nova revolução industrial que está ocorrendo, principalmente, nos países do primeiro mundo. Esta revolução e o novo paradigma tecnológico-econômico que a dirige constituem basicamente a resposta das grandes organizações estatais e privadas dos países mais avançados à crise que se desencadeou ao fim dos anos sessenta.<sup>17</sup>

Esta crise aparece vinculada à incapacidade das tecnologias para superar as restrições levantadas pela

12. M. Schwantes, *Projetos de esperanças*, Petrópolis S. Paulo — S. Leopoldo, Vozes, CEDI-Sinodal, 1989, p. 13.

13. Idem, p. 14.

14. Idem.

15. Conclusões de Medellín, Introdução, 1.

16. *Gaudium et Spes*, nº 4.

17. Cf. Hugo J. Nochteff, "Revolución industrial y alternativas regionales", em *Revista de la Cepal*, nº 36, Santiago, dez/88, p. 26.

diminuição da oferta e o custo crescente das matérias-primas, energias e a força de trabalho.

As principais inovações tecnológicas ocorrem em 4 áreas:

1.1- **ELETRÔNICA-INFORMÁTICA:** as tecnologias baseadas na micro-eletrônica se referem fundamentalmente à produção, elaboração, transmissão e armazenamento de informações por meios eletrônicos.

1.2-**NOVOS MATERIAIS:** se trata, principalmente, de materiais leves, materiais para altas temperaturas e materiais para componentes eletrônicos. São casos, por exemplo, de fibras-ópticas, supercondutores e cerâmica, que no futuro deverá substituir o aço na fabricação de motores para carros.

1.3-**BIOTECNOLOGIA:** consiste na utilização de microorganismos vivos (leveduras, fungos e bactérias) assim como de animais, plantas e componentes celulares, para conversão, síntese, decomposição e concentração de substâncias específicas. A manipulação de material genético de plantas e animais provocará, sem dúvida, uma revolução nas áreas de saúde, alimentação e meio ambiente.

1.4 - **NOVAS FONTES DE ENERGIAS:** como a energia nuclear, solar, oceânica, biomassa e termoquímica.

Estas inovações técnicas têm como principais características o aumento de produtividade e competitividade; a economia de mão-de-obra, insumos naturais e energias; e o seu caráter sistêmico.

As conseqüências desta revolução industrial são muitas para a economia internacional, mas aqui vamos nos restringir à A.L.. A primeira

conseqüência é a nossa maior dependência na tomada de decisões econômicas aos países do primeiro mundo. Antes do avanço da informática, as filiais das transnacionais tinham uma certa autonomia nas suas decisões. Agora, as decisões são mais centralizadas nas matrizes, aumentando a nossa dependência.

A segunda conseqüência é a perda da importância da "maior vantagem comparativa" dos países do 3º mundo: a mão-de-obra barata. O grande atrativo da mão-de-obra barata deixa de existir, ou diminuir, na medida em que há economia de mão-de-obra com a automação e exigência de mão de obra qualificada para novos maquinários.

A terceira é a queda nos preços dos diversos metais e produtos primários exportados pela A.L.. O que dificulta ainda mais as nossas exportações, um ponto central no problema da dívida externa, como veremos adiante.

A quarta conseqüência vem da biotecnologia. A competitividade dos países que não dominam esta tecnologia cai brutalmente, além de ficarem dependentes tecnologicamente, por exemplo, no caso de sementes híbridos. Além disso, a maior produtividade dos países avançados tecnologicamente aumenta a oferta de alimentos e, conseqüentemente, diminui os preços. O que novamente afeta gravemente as exportações da A.L..

A quinta conseqüência é o encarecimento no custo de transporte marítimo, por causa da marginalização na mudança técnica no transporte regular, o que dificulta ainda mais as nossas exportações.

O mais importante é a conseqüência global às nossas economias. Com esta revolução, se não a acompanharmos, o nosso parque industrial e o nosso processo produtivo ficarão obsoletos e perderão competitividade com os produtos dos países desenvolvidos. E com a acelerada globalização da concorrência-fomentada pela ideologia neoliberal, de livre mercado e abolição de fronteiras para comércio, onde os produtos fabricados no país deve competir com uma mercadoria similar de outros países, aumentará o desemprego e dependência aos países do primeiro mundo. Um exemplo disso foi a dissolução do parque industrial chileno, após o golpe de Pinochet, pela concorrência das mercadorias de Formosa, Coréia do Sul, Japão e outros países.

A saída para os países da A.L. para este problema só é possível com um maior investimento na pesquisa científica, mas o que tem acontecido, infelizmente, é a queda nestes investimentos, principalmente, por causa do pagamento dos juros da dívida externa.<sup>18</sup> Além disso, temos o agravante da "fuga de cérebros" atraídos por melhores condições de trabalho no primeiro mundo. Sem uma diminuição no pagamento dos juros da dívida externa não é possível para os países da América Latina acompanhar esta revolução industrial e evitar, assim, um "descolamento" da economia internacional e crises maiores no futuro, tanto no nível interno dos países quanto no problema da dívida externa e comércio internacional.

## 2-A CRISE DA DÍVIDA EXTERNA

O momento histórico em que vivemos revela o grande paradoxo da economia capitalista internacional atual: os países pobres do 3º mundo, especialmente a América Latina, são exportadores líquidos de capital para os países ricos do primeiro mundo. Em outras palavras, ao invés dos países ricos "ajudarem" os países pobres com o envio de capital, como sempre eles se gabaram, os países da América Latina enviaram aos países ricos algo em torno de 40 bilhões de dólares por ano. A cada dois anos a A.L. envia o valor equivalente a todo o "Plano Marshal" para a reconstrução da Europa entre 1948-1952.

A remessa líquida de um valor tão gigantesco, sob a forma de pagamento dos juros da dívida externa, explica o contínuo empobrecimento da América Latina na década de oitenta. Apesar de todo o discurso do crescimento industrial e do aumento da produção de alimentos, a renda per capita da região caiu de US\$ 2.280,00, em 1980, para US\$ 2.151,00, em 1986. Nos últimos anos, o Brasil tem pago, em média, US\$ 12 bilhões por ano só de juros da dívida externa. Este valor equivale a algo em torno de 200 milhões de vida/mês ou quase 17 milhões de vida/ano dos quase 50% dos trabalhadores no Brasil que ganham até um salário mínimo.

Segundo um estudo dirigido pelo professor Hélio Jaguaribe, em 1985,

18. Cf. E. Lahera, "Cambio técnico y reestructuración productiva", em: Revista la CEPAL, nº 36, p. 43.

o Brasil é o país de mais alta taxa de desigualdade social do mundo. Contudo, poderia erradicar a miséria e formas extremas de pobreza "com um esforço adicional anual da ordem de 6 bilhões de dólares" nos programas sociais. Isto até o ano 2.000.<sup>19</sup> Ora, este valor equivale à metade do que pagamos anualmente de juros da nossa dívida externa.

Estes dados nos dão uma pequena idéia da "sangria" a que estão submetidos os países devedores pobres e como a dívida externa é uma das causas principais do agravamento da pobreza e subdesenvolvimento nos nossos países.

Não é possível, por problemas de espaço, desenvolver neste artigo as causas históricas da crise da dívida externa<sup>20</sup>, mas podemos resumir dizendo que esta crise tem sua origem mais remota no próprio processo de transnacionalização da economia capitalista, após a 2ª Guerra Mundial, na sua busca de obter mais lucros expandindo-se aos países periféricos. Em segundo lugar, nos mecanismos adotados pelo 1º mundo, com conivência dos governos e classes empresariais do 3º mundo, para resolver as crises do excesso de moeda no mercado europeu de divisas; a crise do "choque de petróleo", em 1973 e 1979; e no combate à inflação norte-americana via "choque de juros", aliado ao programa econômico-militar do governo Reagan, que elevaram a taxa de juros de 7% ao

ano para 21%. Este choque de juros, além de elevar bruscamente os juros da dívida externa, foi uma das causas da queda de preços dos produtos primários exportados pelos países devedores. Todos estes fatores levaram a um grande endividamento dos países da América Latina e à atual crise.

O que mais nos interessa aqui é o modo como estes juros são pagos e a sua conseqüência para o futuro dos pobres na América Latina. Os juros são pagos, basicamente, em dólares. Como só os Estados Unidos têm o poder de emitir dólares, os países devedores tem três caminhos básicos para conseguí-los:

1º- Novos empréstimos;

2º- Investimento de risco das multinacionais nos países devedores;

3º Saldo da balança comercial, isto é, a diferença entre a exportação e a importação. As duas primeiras possibilidades não são soluções para médio e longo prazo, pois os novos empréstimos significam mais dívida e mais juros e os investimentos das multinacionais significam a remessa de "royalties" e de lucros, o que significa mais envio de dólares para o estrangeiro. Além disso, com a atual crise da dívida externa e da economia nos países latino-americanos, não tem havido novos empréstimos e nem investimentos significativos. A única saída real é o saldo na balança comercial.

Com a crise iniciada em 1982, com a moratória do México, os credores começaram a exigir a aplicação do receituário do F.M.I. como condição para a renegociação das dívidas em atraso. Com isso, o F.M.I. passou a fazer parte do dia a dia dos países devedores.

Para o F.M.I., o déficit da balança de pagamentos (a diferença negativa entre tudo o que entra e sai do país em termos de dólares) e a inflação são desequilíbrios gerados por uma capacidade de demanda (desejo de comprar, apoiado por dinheiro ou crédito) superior às possibilidades imediatas de oferta interna e da capacidade de importar, que induz quedas das reservas monetárias internacionais.

O grande responsável, para o F.M.I., é a política econômica do governo que foge às "leis do mercado", com medidas protecionistas, subsídios, déficit orçamentário e o crescimento da participação do Estado na economia. A partir disso, o F.M.I. propõe algumas medidas.

A curto prazo, o F.M.I. propõe e exige ajustamento em três áreas:

a- A **desvalorização cambial**, para baratear as exportações e encarecer as importações, visando melhorar o saldo da balança comercial. Este mecanismo gera mais inflação, sendo os trabalhadores os mais prejudicados porque os seus salários não acompanham a subida inflacionária.

b- A **diminuição do déficit público**: exigindo, em primeiro lugar, o corte nos gastos sociais (saúde, educação, casas populares,...) e, em parte, também nos investimentos nos setores básicos da economia. Aqui entra também o corte nos investimen-

tos na área de pesquisa científica. Além disso, exige a diminuição da emissão da moeda, o fim de subsídios e a elevação da taxa de juros. Todas estas medidas provocam uma recessão, ou pelo menos estagnação da economia, e a inflação, gerando o fenômeno da estagflação.

c- A **diminuição da demanda através do arrocho salarial**. Os salários são considerados os causadores da inflação (do excesso da demanda) e este arrocho visa combater isto, além de baratear os custos dos produtos de exportação. Ainda mais, um povo que ganha bem pode ser bem alimentado e satisfeito, mas sobra pouca mercadoria para a exportação, o que não agrada os banqueiros que querem receber os seus juros.

Os "custos sociais", deste ajustamento recaem "naturalmente" sobre a classe trabalhadora. Eles acreditam que restabelecidas as leis do mercado, e para isso este remédio amargo, tudo voltará a ser "normal". Esta é, em essência, a fé neoliberal.

A médio e a longo prazo, o F.M.I. propõe basicamente duas coisas: o enquadramento da economia do país às diretrizes do mercado internacional e a redução do papel do Estado na economia, em termos internos. É a onda neoliberal que assola o mundo e "contagia" a América Latina, não só aos empresários que vendem a ilusão de que "o mercado livre que produz liberdade e progresso", mas também os políticos "populistas", como é explícito na Argentina com o presidente Menem e na Venezuela com Andrés Perez.

Pagar os juros da dívida externa, para poder se manter no mercado internacional, não significa, portan-

19. H. Jaguaribe (org), *Brasil 2.000: Para um novo pacto social*, R. Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp 18-32.

20. Vide Jung Mo Sung, *A idolatria do capital e a morte dos pobres: uma reflexão teológica a partir da dívida externa*. S. Paulo, Paulinas, 1989, esp. Cap. III.

to, simplesmente enviar pedaços de papel verde, o dólar, mas significa o povo deixar de consumir os bens que produz para satisfazer as suas necessidades básicas e a deterioração dos serviços públicos essenciais para a vida dos pobres. Além de impossibilitar maiores investimentos na área tecnológica que possibilite a integração da América Latina na atual revolução industrial.

### 3- O NOVO MERCADO GLOBAL.

A propriedade da tecnologia desta revolução industrial é privada, dentro da ordem capitalista, o que significa que o paradigma que a norteia é o paradigma do mercado, como é também nas propostas do F.M.I. para a solução da crise da dívida externa. Neste paradigma as necessidades humanas não contam, mas só os desejos dos consumidores. O que norteia e coordena toda a produção e distribuição de bens é o desejo dos consumidores e o objetivo de lucro dos empresários. Como os pobres não fazem parte do mercado consumidor, as suas necessidades não fazem parte do planejamento econômico. Por exemplo, ao invés de construir casas populares para atender o grande problema habitacional do Brasil, as construtoras investem em apartamentos e condomínios fechados de altíssimo padrão porque a grande maioria do povo não pode comprar uma casa enquanto que os ricos podem comprar a sua segunda ou terceira mansão. Este paradigma do

mercado orientando a nova revolução industrial e a "solução" da crise da dívida externa explica o outro lado da moeda que é a nova configuração do mercado orientando a nova revolução industrial e a "solução" da crise da dívida externa explica o outro lado da moeda que é a nova configuração do mercado internacional e o novo fluxo dos negócios e do capital.

Segundo John Read, o principal dirigente do conglomerado Citycorp/citybank, "não há nada mais representativo de como o mundo mudou, do que a forma como o capital vem sendo distribuído. Como é bem sabido, em 80, os países em desenvolvimento puderam tomar grandes empréstimos dos bancos em todo mundo. Quanta diferença com os dias de hoje! Veja-se por exemplo, o México, país dotado de grandes recursos naturais, e que vem desenvolvendo forte ajuste econômico, entretanto, leva meses para conseguir levantar alguns poucos bilhões de dólares, enquanto que um punhado de bancos de investimentos consegue levantar, em um único mês, US\$ 25 bilhões de investidores de todo o mundo para comprar um único conglomerado de empresas do setor alimentício e do fumo"<sup>21</sup>. Este é um exemplo de como a economia internacional está gestando, com esta nova revolução industrial e a crise da dívida externa, um novo Mercado global com três polos: Estados Unidos-Canadá, mercado Comum Europeu e o extremo oriente (Japão, Coréia do Sul, Formosa, Singapura).

A América Latina começa a ficar à margem da economia internacional na medida em que suas matérias-primas tradicionais e a mão-de-obra barata perdem importância no processo produtivo atual. Isto a torna cada vez mais dependente do 1º Mundo, tanto tecnologicamente quanto financeiramente, e mais passível de exploração econômica. A alternativa seria uma integração regional, no campo econômico, entre os países da América Latina. Entretanto, as nossas produções não são complementares, mas competitivas porque a nossa economia foi desenvolvida para o mercado internacional e não para a integração regional. Além das dificuldades políticas para esta integração, na medida em que isto contraria os interesses do primeiro mundo.

Diminuição nos investimentos estrangeiros, queda nas exportações, por causa da queda dos preços dos produtos primários e por defasagem tecnológica e, conseqüentemente, necessidade de arrochar mais ainda os salários para tentar manter a competitividade no mercado internacional para podermos pagar a "qualquer custo" os juros da dívida externa são algumas causas que geram mais injustiça e morte aos pobres da A.L. Além de uma perspectiva sombria às nossas economias se não conseguirmos acompanhar, mesmo que de longe, esta revolução industrial.

### III- A LEGITIMAÇÃO IDOLÁTRICA DOS SACRIFÍCIOS HUMANOS.

Pagar os juros da dívida externa significa o sacrifício de milhões de

vidas e o aumento das "tristezas e angústias" deste povo sofrido da América Latina. Este sacrifício é feito em nome de um sistema econômico, o sistema de mercado, que pretensamente promete resolver os problemas sociais. E como todo sacrifício humano "legítimo" aceito dentro das normas e padrões de funcionamento normal de uma sociedade, este também necessita de justificção religiosa. Como diz Peter Berger, um nome importante no Instituto para Religião e Democracia do governo dos Estados Unidos, "sempre que uma sociedade precisa motivar seus membros para matar ou arriscar a própria vida, consentindo assim em serem postos em situações marginais extremas, as legitimações religiosas adquirem importância.(...) Matar sob os auspícios das autoridades legítimas tem sido acompanhado desde tempos remotos até hoje da parafernália religiosa e o ritualismo".<sup>22</sup>

Esta justificação religiosa se dá por diversas formas. É importante ressaltar que a legitimação religiosa mais fundamental não se dá por uma linguagem religiosa tradicional, mas por aquilo que Hugo Assman chamou de "teologia endógena" das concepções econômicas. "Essa teologia infiltrada na linguagem cotidiana sobre os fatos econômicos é que passa a integrar o universo mítico do sentido comum do povo e da maneira como o povo é levado a pensar sobre os fatos mais corriqueiros da econo-

21. John Reed, "Globalização econômica se intensifica", em Folha de S. Paulo, 28/12/89, p. 14 Caderno Especial de Economia.

22. P. Berger, *O dossel sagrado*, S. Paulo, Paulinas, 1985, pp 57-58.

mia"<sup>23</sup>, como por exemplo, corte dos serviços públicos básicos em nome da privatização e de "mais mercado". Este paradigma do "só mercado" procura direcionar este caminho único com promessas messiânicas do "mercado perfeito". Os "custos sociais" no processo de implantação deste paradigma do mercado, como vimos acima, são apresentados como uma operação necessária neste único caminho para a solução dos problemas da humanidade. São os sacrifícios necessários. "A rigidez dogmática desse paradigma - nas palavras de Assamam - e enfeita com promessas que jamais poderão ser cumpridas no interior da sua lógica. Daí a violência implacável e sacrificialismo intrínseco desse paradigma, que não são uma conseqüência derivada ou secundária de imperfeições na sua implantação, mas estão ligados aos mecanismos que constituem e também à ideologia que procura legitimá-lo. Em seu bojo encontramos embutida uma verdadeira teologia sacrificial, que tem como cerne a forma na qual esse paradigma define a relação entre os homens como de natureza essencialmente competitiva."<sup>24</sup> Esta exigência sacrificial é o cerne da idolatria, da idolatria do mercado.

Além desta legitimação religiosa travestido de linguagem econômica, encontramos também o uso da linguagem religiosa tradicional. Um

exemplo é o teólogo norte-americano M. Novak, o principal nome do departamento de teologia do American Enterprise Institute, que diz no seu livro muito divulgado na América Latina **O espírito do capitalismo democrático**: "A encarnação é uma doutrina de esperança e não de utopia. Se Deus desejou que seu amado Filho sofresse, porque iria poupar-nos..."<sup>25</sup> Para ele a teologia da encarnação consiste no "respeito ao mundo como ele é, na compreensão de seus limites, no reconhecimento de suas fraquezas, irracionalidade e forças maléficas".<sup>26</sup> Para completar a legitimação dos sacrifícios impostos pelo capitalismo, ele diz que o capitalismo, o sistema de livre mercado, é a melhor encarnação histórica do Reino de Deus. Há, para ele, uma congruência dos valores judaico-cristãos com os valores do capitalismo, por isso "não foi por acidente que o capitalismo democrático surgiu primeiro em terras judaico-cristãs (ou que ele somente seja imitado em culturas análogas)"<sup>27</sup>.

Esta ideologia neoliberal, que hoje conquista o mundo capitalista, assume de uma forma explícita esta "idolatria do mercado" e apresenta o mercado como o único caminho de salvação.

Estudando este aspecto do neoliberalismo, o filósofo J. Habermas diz que a atual política cultural destes

grupos orienta-se para duas frentes: "de um lado deve desacreditar os intelectuais" para justificar o irracionalismo da política neoliberal em termos de juízos críticos da moral de um iluminismo universalista e de outro lado, "a cultura tradicional deve ser fomentada, isto é, devem ser fomentadas as forças agregadores da moralidade convencional, do patriotismo, da religião burguesa e da cultura popular. Essas forças estão aí com o fito de compensar a esfera da vida privada das cargas pessoais e para acolchoá-la contra a pressão da sociedade concorrencial e de modernização acelerada."<sup>28</sup> É o fomento do irracionalismo e da religião fundamentalista e/ou intimista.

Um exemplo desta orientação "cultural" podemos encontrar num importante autor neoconservador norte-americano, George Gilder: "Por que será que enquanto as possibilidades humanas atingem limites nunca dantes sequer suspeitando na história, os especialistas, na sua maior parte, parecem acometidos de ataques de claustrofobia?(...) Tanto os especialistas quanto os intelectuais são completamente sinceros nos seus depoimentos claustrofóbicos. Suas ansiedades mórbidas sobre recursos não renováveis, sobre as reservas finitas, os limites do crescimento, as desforras da natureza refletem basicamente que eles são, antes de mais nada, pessoa de carne e osso, como qualquer mortal.(...) Desde que a existência de Deus foi negada, esses

homens que depositam todos os recursos de inteligência na razão, no raciocínio e na lógica, caíram na armadilha que eles mesmos haviam armados. Felizmente, o mundo não desabou com eles, o homem não é finito e a sua mente não se resume à materialidade de um cérebro. Da mesma forma que o desassossego e a histeria dos intelectuais modernos, a crise da energia é um fenômeno religioso, uma das conseqüências da falta de fé. E ela só pode ser superada por uma crença profunda, pelo reconhecimento de que além, da escuridão e da cegueira do materialismo, existe um reino de espírito, que se alcança através da íntima relação da fé e do fato (ciência) (...) e pode atravessar, enfim, as fronteiras da matéria, onde a vida e Deus se juntam na revelação de um mundo novo e radiante".<sup>29</sup>

Nesta longa citação, de um livro cujo o título já é revelador, "O espírito da empresa", podemos ver como este autor legitima a exploração cega do capitalismo-tanto contra a natureza, quanto contra os pobres-com uma linguagem mítico-religiosa e combate às críticas feitas pelos homens razoáveis. Para ele o mundo e o homem não são finitos e não há problemas ecológicos e nem econômico-sociais. O espaço não é visto no seu limite copernicano, mas como um infinito que se expande com a fé em Deus e a exploração capitalista. Tudo para ele se resume em crise de fé, por parte dos críticos e pobres, e

23. H. Assamam e F. Hinkelammert, **A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia**, Petrópolis, Vozes, p. 26.

24. Idem, p. 292.

25. M. Novak, **O espírito do capitalismo democrático**, R. Janeiro, Nórdica, 1982, p. 398. O grito é nosso.

26. Idem, pp 398-399.

27. Idem, p. 390.

28. J. Habermas, "A nova transparência: a crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas", em *novos Estudos Cebrap*, S. Paulo, nº 18, set/87, p. 110.

29. G. Gilder, **O espírito de empresa**, S.Paulo, Pioneira, 1989, pp 60-61.

o mundo radiante e novo que há de surgir das mãos de empresários, que "florescem numa cultura modelada por valores religiosos".<sup>30</sup> Haja fé!

Um homem religioso ingênuo poderia ver neste autor o exemplo de homem de fé e propagador da religião cristã, e apoiá-lo contra os intelectuais "ateus". Mas, na verdade, como é fácil de perceber, é o exemplo mais cabal do "uso do nome de Deus em vão" para legitimar o irracional da exploração capitalista e o seu paradigma do mercado livre.

#### IV-LUTAS QUE NOS ESPERAM...

Depois de vermos, brevemente, a necessidade de perscrutarmos "os sinais dos tempos" para podermos cumprir a nossa missão de anunciar a boa-nova do Deus da Vida que gera esperança e alegria aos homens de hoje; depois de levantarmos as duas principais questões, no campo econômico, que devem estar presentes no horizonte das nossas lutas e, por fim, idolatria deste sistema necrófilo, surge a pergunta: o que fazer? Por quais caminhos construir as nossas esperanças?

As respostas devem nascer da contribuição de todas as comunidades que constroem o Reino de Deus. E aqui quero indicar, como um fecho-abertura deste trabalho, apenas duas pistas, entre tantas outras possíveis.

A missão da Igreja hoje, como em todos os tempos, não consiste em anunciar Deus, de uma forma genéri-

ca, aos homens que não têm fé, aos homens que ainda não são religiosos. A questão central da história humana e, portanto, da história da salvação não consiste em religioso X não-religioso, mas no conflito entre opressão X liberdade, entre a morte X vida. Como diversos teólogos da libertação já mostraram, atrás do termo Deus, unificado na nossa cultura, esconde diversas imagens de deuses. Imagens que são diferentes e até conflitantes. Como diz J. L. Segundo, "a pluralidade de deuses, vencida no plano dos dicionários, quer dizer no plano dos seres, pela unificação de todos os nomes divinos de baixo de um só substantivo, reaparece pujante, em toda a sua radicalidade e definitividade, no mundo dos valores. Assim o politeísmo real rompe a falsa unidade da linguagem".<sup>31</sup> Não é possível admitir que o deus de Novak ou Gilder, como de tantos outros que "usam nome de Deus em vão", seja o mesmo Deus de Jesus Cristo. O deus que transparece na idolatria do mercado não é o mesmo Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

Portanto, a primeira grande questão que a Igreja deve enfrentar é a luta para desmascarar a idolatria, e o seu processo sacrificial, que é a "alma" do paradigma que norteia a nova revolução industrial e o encaminhamento da crise da dívida externa, e, portanto, do novo rearranjo do mercado global. Não é possível, hoje, anunciarmos o Deus da Vida sem desmascarmos esta idolatria.

A segunda questão é o outro lado da anterior. Denunciar a idolatria não é só uma luta no campo simbólico e religioso, mas é também uma luta prática no campo das relações sociais reais e materiais. Se a crítica da idolatria do capitalismo só é possível na medida em que desmascarmos o ídolo a partir da análise das relações econômicas; o anúncio do Deus da Vida também só é possível na medida em que propomos novas relações econômicas e sociais geradoras da alegria de viver. Isto significa, neste caso, que a Igreja, ao anunciar o Deus da Vida, neste final de século, só terá credibilidade e eficácia real na medida em que assume a luta contra as mortes impostas aos pobres no pagamento dos juros da dívida externa e busque uma nova ordem econômica internacional que não marginalize e torne ainda mais dependente os países da América Latina.

O nosso Deus é o Deus da Vida. E na nossa história humana a vida só é possível na medida em que trabalhamos os dons de Deus, a natureza, e produzimos as coisas necessárias para a reprodução da vida. E hoje, esta produção está organizada de uma forma global, mundial. Não é mais possível pensarmos a produção da vida de um povo isolado do mundo. A atual divisão social do trabalho é mundial. Portanto, não é mais possível a Igreja da América Latina anunciar o Deus da Vida sem enfrentar as grandes questões da economia mundial que interferem na vida e na morte dos pobres. Esperanças dos pobres só tornarão realidades quando esta economia, que gera tantas "tristezas e angústias", for transformada em novas relações econômicas e sociais baseadas no princípio do "pão repartido" e, portanto, geradoras e possibilitadoras de "alegria de viver".

30. Idem, p. 264.

31. J. L. Segundo, *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, Vol. 1, S. Paulo, Paulinas, 1985, p.83